

> A outsider woolfiana e performance de gênero em *Um quarto só seu* e *Orlando: uma biografia*

> The woolfian outsider and gender performance in *A room of one's room* and *Orlando: a biography*

por Maria do Carmo Balbino Galeno

Mestranda em Estudos Literários, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora na área de Estudos em História Literária (GEHIL-UFPA). Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA-2015). Email: imcbgaleno@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-5878-9516

Resumo: O presente artigo é um estudo acerca da representação da *outsider* – a estranha e por isso marginalizada – nas obras *Um quarto só seu* e *Orlando: uma biografia*, de Virginia Woolf, tendo como objetivo evidenciar a importância feminista dessas obras woolfianas na sociedade inglesa patriarcal, que remonta a história desde muito cedo, até o início do século XX, tempo no qual a escritora está inserida denunciando as leis misóginas com seu feminismo sem concessão. Para nortear essa análise, dialoga-se com as filósofas Simone de Beauvoir, Silvia Federici e Judith Butler, que ajudam a aprofundar a problematização dos gêneros feminino e masculino e suas performances que favorecem a heteronormatividade.

Palavras-chave: Outsider. Feminismo. Patriarcado. Performance de gênero.

Abstract: This article is a study about the representation of the outsider – the strange and, therefore, marginalized – in the works *A Room of One's Own* and *Orlando: A Biography*, by Virginia Woolf, aiming to highlight the feminist importance of these woolfian works in the patriarchal english society that goes back in history from very early to the beginning of the 20th century, time in which the writer is inserted denouncing the misogynist laws with her feminism without concession. To guide this analysis, we dialogue with the philosophers Simone de Beauvoir, Silvia Federici and Judith Butler, who help to deepen the problematization of the feminine and masculine genders and their performances that favor heteronormativity.

Keywords: Outsider. Feminism. Patriarchy. Gender performance.

> Artigo recebido em 23.02.2022 e aceito em 27.05.2022.

Introdução

O vocábulo “*outsider*” na sua tradução livre quer dizer estranho, aquele ou aquela que não se enquadra nos padrões que regem um certo grupo social e por isso não é parte integrante dele. Esse termo faz-se importante na medida em que é possível perceber as enormes diferenças que há nos papéis sociais do homem e da mulher quando se trata das conquistas de direitos civis e políticos.

Interessante observar que Virginia Woolf (1882 – 1941), intelectual, escritora, membro do Grupo de Bloomsbury, apropria-se do termo *outsider* e fala por todas as mulheres que estão nesse lugar à margem, mesmo tendo vivido e transitado por toda a vida em meio aos homens mais instruídos de seu país, a Inglaterra, e de seu tempo, final do século XIX até meados do século XX. Entretanto, mesmo tendo vivido entre eles, Woolf não se sentiu pertença, pois não pôde frequentar os estudos formais nas escolas e universidades da mesma forma que seus amigos e irmãos, sendo instruída em casa pelo próprio pai, que era um intelectual influente no meio acadêmico da época.

Virginia Woolf foi uma excelente leitora e incrível escritora. Sua escrita literária tem a característica moderna do fluxo de consciência, também chamado de monólogo interior, cuja fronteira entre a lógica e as impressões pessoais da personagem está em contínua desordem e sem definição fixa. Sua literatura de ficção é diversificada e vai de um romance como *Mrs. Dalloway* – no qual as ações se passam em um único dia em que a protagonista sai para comprar flores para sua Festa, trazendo reminiscências do passado no desenrolar de toda a trama – até um romance como *Orlando: Uma biografia*, cujo personagem principal vive e atravessa três séculos e meio de história, pois a narrativa começa com o personagem homem nos tempos da rainha Elizabeth I e termina mulher, no século XX, vivendo e experimentando durante quase quatro séculos os privilégios por ser homem, as privações e perda de direitos, por ser mulher.

Este artigo se propõe a realizar duas análises: primeiro, a representação feminina em *Um quarto só seu*, ensaio ficcional no qual a personagem feminina se percebe diferente do homem. Essa diferença é o motivo pelo qual ela se sente *outsider*. Woolf sabe o poder da literatura: “É provável que a ficção contenha mais verdade do que os fatos”¹ e, é através de seu ensaio fictício que ela denuncia a exclusão da mulher dos espaços de poder. Em seguida, analisar a figura da mulher *outsider*, em *Orlando: Uma biografia*. *Outsider* justamente por se tornar

¹ Virginia Woolf, *Um quarto só seu*, 2020, p. 19.

mulher, e por isso sem direitos pois, enquanto homem, Orlando teve os privilégios garantidos.

Quando Virginia Woolf escreve sobre a possibilidade de haver mais verdade na ficção do que nos fatos ela parece se referir a seus escritos literários, afiados, ácidos, plenos de lúcida crítica à sociedade patriarcal na qual vivia. Sobre isso o crítico Luís Costa Lima também afirma a veracidade da obra literária com outras palavras: “Ao falarmos em caráter não documental da literatura, não pretendemos dizer que o texto, ao se tornar ou se pretender literário, automaticamente se despoje da qualidade de documento”². O texto literário não se despoja da verdade, mas carrega em si a verdade dos fatos de forma singular, nas linhas escritas e entrelinhas sussurrantes.

O ensaio *A Room of One's Own (Um Quarto Só Seu)* foi publicado pela primeira vez em outubro de 1929. É um ensaio ficcional baseado em dois artigos apresentados por Virginia Woolf, no ano anterior à Newnham e Girton, Faculdades para mulheres dentro da Universidade de Cambridge. Como se pode perceber, as faculdades no início do século XX ainda eram divididas entre homens e mulheres, e os estudos formais ainda eram bem diferentes, de acordo com o gênero. Em *Orlando: A Biography (Orlando: Uma Biografia)* publicado um ano antes, em outubro de 1928, a autora narra as aventuras de um personagem que atravessa quase quatro séculos de história e que, em um determinado período de sua vida, torna-se mulher e sente, através dos séculos, o que significa ser e estar em uma sociedade patriarcal, em um corpo masculino e depois em um corpo feminino.

O personagem Orlando, de Virginia Woolf, não é o único a fazer a experiência de mudança de sexo. É possível fazer memória de Ovídio, poeta latino da antiguidade clássica, que nas suas *Metamorfoses* lembra o personagem Tirésias, que sendo homem, inicialmente é transformado em mulher e assim vive durante sete anos e depois volta a ser homem. Por ter vivenciado essa experiência, Tirésias é chamado à presença dos deuses olímpicos: Júpiter e Juno, para a solução de uma dúvida sobre quem sente mais prazer na relação sexual e ele, por experiência própria, informa aos deuses que a mulher é a detentora de maior prazer: “Este conhecia o prazer dos dois sexos, pois, [...] é mudado, coisa prodigiosa, de homem em mulher, e assim vivera por sete outonos. No oitavo, [...] voltou ao aspecto original”³. Um detalhe interessante é que Ovídio, ao narrar o

² Luís Costa Lima, *Sociedade e Discurso Ficcional*, 1986, p. 192.

³ Publius Ovidius Naso, *Metamorfoses*, livro III, 2021, p. 185.

mito de Tirésias, diz que essa mudança vivida por ele é coisa prodigiosa, enquanto Woolf nada diz sobre o mesmo fenômeno que se passa com Orlando e informa apenas que seu personagem não se admirou, pois recebeu a transformação sem nenhum espanto.

Desta forma podemos nos perguntar: o que deseja Virginia Woolf – *outsider* na sua condição de mulher, porém privilegiada por ser intelectual – com sua escrita? Teve ela o poder de provocar reflexões políticas e feministas, no início do século XX, numa sociedade patriarcal como a Inglaterra? Qual a importância de sua obra literária hoje, em um campo plural que é o feminismo, nos discursos sobre sexo, gênero e performance e na política, como espaço de transformação social? E qual a importância das pesquisas de Judith Butler no estudo dessas personagens *outsiders* woolfianas? Perguntas norteadoras deste artigo, e de grande importância pois, se a *outsider* precisa fazer uma, ou muitas, performances de gênero ao longo da vida para sobreviver, isso mostra o quanto sua figura é atual pois, se já houvesse sido superada não haveria necessidade de performances, nem máscaras, e as pessoas teriam a liberdade de viver em um mundo plural e igual, livre e pleno de possibilidades para todas e todos.

1. O gato manx e a mulher *outsider*

Em *Um quarto só seu* a narradora e protagonista é convidada a passar um dia em uma universidade fictícia chamada Oxbridge, onde ela almoça uma opulenta refeição na companhia dos homens instruídos: professores e alunos. Porém, enquanto reflete e caminha pelo pátio e jardim da universidade, ela não pode andar na grama pela simples razão de ser mulher: “Apenas os professores e estudantes são permitidos aqui; o cascalho é meu lugar”⁴. Ela também não pode entrar na biblioteca da universidade pois, assim que se aproxima, surge um homem: “fazendo um gesto para que eu me afastasse, lamentou, dizendo que damas só podiam entrar na biblioteca se estivessem acompanhadas de um professor da faculdade”⁵. Nesse espaço de poder acadêmico, a narradora irá se sentir *outsider*, uma estranha que não faz parte daquele mundo e, por isso, não pode usufruí-lo. É possível inferir que a personagem deva ter sentido que seu país, a Inglaterra, tem características de mãe para com os homens (eles detêm o poder político, acadêmico e religioso) e características de madrastra para com as

⁴ Virginia Woolf, *Um quarto só seu*, 2020, p. 21.

⁵ *Ibidem*, p. 23.

mulheres (sem direito à herança e nem ao estudo formal, sua missão é casar e procriar), uma realidade que é denunciada por Woolf no início do século XX.

Após o farto almoço, professores e alunos conversam enquanto a narradora pensa nas proibições que sofreu, por ser mulher, e então enxerga no jardim, através da janela, um gato manês, um típico gato nativo da Ilha de Man, bem raro, cuja característica é não ter rabo, então a narradora observa: “É estranha a diferença que um rabo faz”⁶. Ao refletir sobre a estranha peculiaridade do gato sem rabo, ela percebe a si mesma como diferente dos homens. Falta a ela, e às suas colegas da faculdade feminina, o atributo masculino, elas são diferentes e essa diferença sexual faz delas *outsiders*, estranhas na academia e, por não serem iguais, estão à margem, não detêm nenhum poder, em nenhuma instituição social, seja ela eclesial, acadêmica ou política. Ela sentiu esse peso pois, mesmo sendo convidada para almoçar, não lhe foi permitido andar livremente pelos espaços universitários pelo simples fato de ser uma mulher.

De volta a Fernham, faculdade fictícia de mulheres, ela janta, com suas colegas professoras e alunas um jantar pobre e simples. Ela então compara as duas refeições e diz com extrema lucidez: “É impossível pensar bem, amar bem, dormir bem, se não se jantou bem”⁷. E ao comparar as duas refeições: a primeira em uma faculdade de rapazes e a segunda em uma faculdade de moças, a narradora é certa ao analisar os motivos pelos quais os gastos com as mulheres são mínimos, enquanto com os homens são generosos. Ela conclui que a maior parte do dinheiro da Inglaterra está, e sempre esteve, nas mãos dos homens, pois às mulheres estão destinados outros afazeres. Então questiona:

O que nossas mães ficaram fazendo para não ter nenhuma fortuna para nos deixar? [...] ela teve treze filhos de um pároco da igreja [...]. Mas, se ela houvesse entrado no ramo dos negócios; se tornando uma fabricante de seda artificial ou uma magnata da Bolsa de Valores; e deixado 200 ou 300 mil libras para Fernham, nós poderíamos estar sentadas na maior comodidade esta noite e o assunto da nossa conversa poderia ter sido arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo [...] ⁸.

Ao refletir sobre a falta de oportunidades de estudos para a mulher, Virginia Woolf vai à raiz da questão quando fala sobre a condição da mulher, em sua época e nas épocas anteriores, referindo-se à condição exclusiva de ser dona de casa, esposa e mãe, um verdadeiro “Anjo do Lar” (expressão cantada e louvada pelo poeta Coventry Patmore e que se tornou o ideal da mulher vitoriana), pois

⁶ *Ibidem*, p. 31.

⁷ *Ibidem*, p. 38.

⁸ *Ibidem*, p. 42.

somente ao homem estavam reservados os ofícios externos e remunerados tais como juiz, advogado, médico, professor, clérigo e escritor.

Woolf estava escrevendo sobre as mulheres e a ficção, queria encontrar os motivos pelos quais havia, até então, pouquíssimas mulheres escritoras em comparação à grande quantidade de escritores do sexo masculino. A escritora, por sua vez, não se intimida e corajosamente denuncia: “a Inglaterra é regida por um patriarcado”⁹. Tudo o que acontece no mundo dos negócios, dos estudos e descobertas, no mundo das leis, da política e da religião desde que se tem notícia até os inícios do século XX, momento em que Woolf escreve esse ensaio, é orquestrado, regido e praticado pelos homens.

Uma constatação importante que Virginia Woolf faz nesse ensaio, ao passo que busca uma explicação para isso, é sobre a falta de registros históricos e ficcionais feitos por mulheres. A narradora vai à biblioteca do museu britânico em busca de informações, mas tudo o que encontra são registros de homens sobre as mulheres e percebe que, em seus livros muitas vezes, elas são as grandes heroínas: “as mulheres brilharam como faróis em todas as obras, de todos os poetas, desde o começo dos tempos – Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida [...], mas essa é a mulher na ficção”¹⁰. A realidade que Virginia Woolf percebe é que as mulheres são trancafiadas e dadas em casamentos antes de saírem da infância, pois os homens (pais e depois os maridos) são os donos de seus corpos. Elas não têm os mesmos direitos que os homens, pois como explicar que, em uma época tão importante para a cultura, como foi a época elizabetana no século XVI, não se tenha nada escrito por uma mulher?

Constatando que não há praticamente nada escrito por mulheres na biblioteca do museu, Virginia Woolf, com liberdade de imaginação, questiona-se: “o que teria acontecido se Shakespeare tivesse uma irmã maravilhosamente talentosa chamada, digamos, Judith”¹¹? Na sociedade elizabetana provavelmente essa moça não teria as mesmas chances que o irmão teve. Ele era homem e podia se aventurar, ela era mulher e já havia um mundo esperando por ela: o mundo doméstico, e se ela quisesse seguir outro caminho seria vista como uma *outsider*, alguém fora da regra, alguém que merecia ser punida, em uma sociedade na qual a regra para mulheres era explícita: ser esposa e mãe. Para Virginia Woolf, Judith

⁹ *Ibidem*, p. 61.

¹⁰ *Ibidem*, p. 73.

¹¹ *Ibidem*, p. 78.

Shakespeare: “Não teve chance [...] de ler Horácio ou Virgílio. Pegava um livro de vez em quando, [...]. Mas então seus pais chegavam e mandavam-na cerzir meias ou mexer o cozido, e não perder tempo com livros e papéis”¹².

Percebe-se em Woolf uma denúncia que escancara as diferenças no que diz respeito aos direitos entre homens e mulheres, numa sociedade cujas leis e costumes são estruturalmente machistas e patriarcais. Assim como o gato manês, que não tem rabo, é diferente e estranho em comparação aos outros gatos comuns, a mulher, por ser diferente do homem, é uma *outsider*, estranha no mundo masculino, por este motivo lhe é negado o direito ao estudo, ao trabalho remunerado e a liberdade de ser sujeito, tornando-a objeto dependente do homem por toda a vida.

Em *Um quarto só seu* Virginia Woolf está: “Pensando sobre a segurança e a prosperidade de um dos sexos e a insegurança e a pobreza do outro, e sobre o efeito da tradição e da falta de tradição sobre a mente de um escritor”¹³, e isso leva sua plateia de mulheres na faculdade feminina, no início do século XX, e seus leitores atuais, a continuarem essas reflexões que mostram, com grande lucidez, alguns motivos pelos quais a mulher se vê como *outsider* e estranha nos espaços de poder, pois desde muito cedo teve negada suas chances de desenvolvimento intelectual em comparação ao homem. Sobre essa falta de tradição escrita de autoria feminina, Simone de Beauvoir observa a importância, e ao mesmo tempo a grande dificuldade, que escritoras inglesas do século XIX tiveram para se firmarem em um mundo patriarcal. Para Beauvoir:

Uma literatura de reivindicação pode engendrar obras fortes e sinceras [...] como Virgínia Woolf o observa, Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot tiveram que despende negativamente tanta energia, para libertar-se das pressões exteriores, que chegam algo ofegantes a esse ponto de onde partem os escritores masculinos de grande envergadura¹⁴.

Essas dificuldades podem ser percebidas, primeiramente na preferência que as autoras tiveram em usar pseudônimos masculinos na publicação de suas obras ou dizer apenas que eram escritas por uma mulher. Isso mostra também um não se sentir pertença àquele universo de escritores, tornando-as *outsiders*.

¹² *Ibidem*, p. 79.

¹³ *Ibidem*, p. 46-47.

¹⁴ Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, 2009, p. 910.

2. Experiências de corpo e gênero em *Orlando*

Em *Orlando: Uma biografia*, Virginia Woolf escreve uma biografia diferente e inovadora que extrapola o tempo da narrativa e fala sobre questões complexas. Entretanto, algo importante que perpassa toda a obra é a diferença das vivências que o personagem tem quando *ele* é um rapaz e quando *ela* é uma moça. Enquanto rapaz, Orlando tem privilégios, enquanto moça, Orlando os perde!

O professor e ensaísta Silviano Santiago, ao escrever o posfácio de *Orlando: Uma biografia*, na edição de 2017 da editora Autêntica, faz um resumo a respeito dos corpos masculino e feminino do(a) personagem:

Orlando, protagonista do romance, não só oscila entre os gêneros masculino e feminino, ou seja, é *ele* e é *ela* física, fraseológica e pronominalmente falando, como também experimenta e põe à prova – em corpo masculino e em corpo feminino – três séculos gloriosos da irrequieta e trepidante história ocidental nos poucos 36 anos de vida inquieta. O curtíssimo arco em anos da longuíssima vida em séculos do jovem nobre Orlando se inicia na época elisabetana, quando a Inglaterra ingressa na idade moderna. Percorre, de modo arbitrário ou paradoxal, os reinados de Elizabeth I (1533-1603) e de Charles II (1630-1685), passa em seguida pela vida diplomática inglesa na Turquia, época em que *ele* se torna *ela*, e avança finalmente pelos séculos XVIII e XIX na pele de escritora aristocrática. A vida romanesca de Orlando termina abruptamente em 11 de outubro de 1928, dia também em que Virginia publica o romance¹⁵.

Silviano Santiago além de fazer um breve resumo dessa obra, ainda brinda o leitor com a observação: “É seu corpo múltiplo e aparentemente imortal que está sempre exposto aos amores, às alegrias e aos desastres da vida em sociedade e serve de cobaia no insolente experimento ficcional”¹⁶. Insolente experimento ficcional da autora, que se permite inovar e brilhar, nas variadas formas de escrever ficção.

O corpo masculino e jovem de Orlando conhece as condescendências que, aos homens ricos e nobres, são permitidas desde que se tem notícias na história. Sua nobre família é antiga e possui parentescos com a grande dama, a rainha Elizabeth I, que por sua vez, tem Orlando como protegido. A ele tudo é permitido e seu desejo pelas mulheres, de modo geral, nos é informado por sua biógrafa: “Pois o gosto de Orlando era amplo; não apreciava apenas as flores de jardim; as

¹⁵ Silviano Santiago, “Entre a flexibilidade e o rigor”. In: Virginia Woolf, *Orlando: uma biografia*, 2017, p. 265-266.

¹⁶ *Ibidem*, p. 268.

flores silvestres e as ervas daninhas também sempre exerceram fascínio sobre ele”¹⁷.

Porém com a continuação da narrativa, observa-se um Orlando apaixonado por uma nobre moscovita que o trai por duas vezes, sempre quando a noite cai: “Devia ser quase noite. Fazia uma hora e pouco que Sasha desaparecera [...], viu Sasha no colo do marinheiro; viu-a inclinando-se contra ele”¹⁸. Na sequência observa-se um personagem apaixonado e enganado, pois acredita mais nas palavras da amada, negando o fato, do que no que seus próprios olhos viram. Ela consegue fazer com que ele ainda queira fugir com ela e ele a espera, numa noite, com cavalos preparados para a fuga. O sangue nobre dele não o impede de querer viver um grande amor em terras estrangeiras, e assim, espera a amada que mais uma vez o engana numa noite fria e chuvosa de inverno: “A noite estava escura; escura como o breu; [...]. Às vezes, na escuridão, parecia vê-la [...], mas a visão se desvanecia. [...]. O mundo inteiro parecia ressoar com a traição dela e da vergonha dele”¹⁹. Com o coração destroçado o herói tentará, através de novas experiências, sair da noite em que se encontra, mas antes ele adentra na noite, simbolicamente falando, e dorme seguidamente por uma semana: “No sétimo dia, despertou à hora de costume”²⁰.

Depois de um choque emocional tão grande, que é ser traído pelo ser amado, o corpo e a mente precisam de um grande descanso para se refazer. É a partir desse fato que sua biógrafa e narradora pergunta, de modo a fazer o leitor refletir, sobre as questões de vida e de morte: “Seríamos feitos de tal forma que precisamos experimentar a morte em pequenas doses diárias para poder continuar exercendo o ofício de viver?”²¹. O chocante e belo desse romance biográfico de Virginia Woolf é que ela o dedica à escritora Vita Sackville-West, sua amante, que na vida real a traiu com outra mulher.

Há questões que saem da claridade do dia e adentram nas sombras da noite e fazem com que narrador, personagem e leitor adentrem em si mesmos a fim de buscarem respostas para perguntas existenciais. No entanto, não se pode ser ingênuo em pensar que se encontrará respostas definitivas, pelo contrário, cada

¹⁷ Virginia Woolf, *Orlando: Uma biografia*, 2017, p. 20.

¹⁸ *Ibidem*, p. 35.

¹⁹ *Ibidem*, p. 41.

²⁰ *Ibidem*, p. 46.

²¹ *Ibidem*, p. 47.

pergunta se desdobra em várias outras, pois a *vida* em suas dobras e mistérios parece ser a *questão* por excelência.

Depois de uma semana de sono restaurador, Orlando acorda e se isola na imensa mansão que herdou da família: “dava a impressão de que ficar sozinho na grande mansão de seus ancestrais era algo que condizia com seu temperamento. A solidão era de sua escolha”²². Era uma escolha necessária para se recompor do sofrimento causado pela confiança quebrada.

Orlando, após um tempo de reclusão e experiências como escritor, pede ao rei Charles para ser enviado a Constantinopla como embaixador extraordinário. O rei atende seu pedido e o envia nessa missão. Percebe-se a facilidade que o homem Orlando tem em ser ouvido. No que diz respeito a direitos políticos, ele os tem garantidos por ser homem e nobre em seu país.

Em Constantinopla ele faz seu trabalho como diplomata inglês sendo reconhecido por isso e elevado ao título de duque. Mesmo sendo idolatrado por sua beleza e riqueza, e ainda gozando de todos os privilégios que lhe são concedidos, Orlando não é uma pessoa feliz e sempre lhe falta algo. Sua biógrafa narradora afirma que, mais uma vez, Orlando cai em sono profundo e seu corpo passa por uma surpreendente transformação. Eis o relato:

Na manhã seguinte, o duque, como agora devemos chama-lo, foi encontrado, por seus secretários, mergulhado, em meio a roupas de cama bastante reviradas, em sono profundo [...]. No sétimo dia de seu transe [...]. Espreguiçou-se. Saltou da cama. Ergueu-se em toda a nudez diante de nossos olhos [...] ele era uma mulher [...]. Orlando, sem dar qualquer mostra de transtorno, olhou-se de cima a baixo, num imenso espelho e foi, supostamente, banhar-se²³.

Esses fatos podem parecer perturbadores na vida do personagem, mas sua biógrafa deixa claro que foi tudo aceito naturalmente pelo rapaz que, após os trinta anos e sem qualquer explicação, tornou-se moça. Após esse acontecimento em seu corpo físico, a personagem deixa Constantinopla e passa a morar com os ciganos no deserto, onde experimenta a sensação de ser livre das obrigações institucionais, mas isso também não preenche seu vazio existencial e ela volta ao seu lar: a Inglaterra. Na sequência, a personagem, que sentiu a rejeição da mulher amada quando seu corpo era do sexo masculino, fará a experiência da submissão por ter agora um corpo marcado pelo sexo feminino: “o edifício todo do governo feminino assenta-se sobre essa pedra fundamental; a castidade é sua joia [...], mas quando foi homem [...] teve uma rainha nos braços [...], uma ou duas damas

²² *Ibidem*, p. 47.

²³ *Ibidem*, p. 89-93.

de condição menos elevada”²⁴. Agora Orlando experimentará ser uma *outsider*, uma estranha ao homem, agora ela é uma mulher e deve se submeter às regras do patriarcado.

Dessa forma, percebe-se que à mulher foi reservado o confinamento da casa, e ao homem, o mundo das aventuras. De acordo com a ironia afiada de Virginia Woolf: “O homem tem as mãos livres para empunhar a espada, a mulher deve usar as suas para não deixar que os panos de cetim lhe escorreguem dos ombros”²⁵. Essa diferença gigantesca se percebe com mais clareza quando Orlando constata a perda dos seus direitos ao retornar a seu país. Quando o homem Orlando sai em missão é dono de uma grande propriedade na Inglaterra herdada de seus ancestrais; porém ao retornar para seu país, como lady Orlando, não tem mais nenhum direito pelo simples fato de ser mulher, além de ser acusada de supostos delitos: “(1) que estava morta e, portanto, simplesmente não podia ter nenhuma propriedade; (2) que era mulher, o que dá no mesmo; (3) [...] ela tivera três filhos-homens, [...] sua propriedade lhes pertencia”²⁶. Atualmente chega a ser chocante a acusação que ser mulher é o mesmo que estar morta. Mas, até o início do século XX na Inglaterra, quando o assunto era o direito da mulher a algum tipo de posse ou herança, o não direito era naturalizado e a literatura, como forma de denuncia social, mostra tais injustiças.

Virginia Woolf é sagaz ao refletir sobre os privilégios dos homens em detrimento das mulheres e coloca essa experiência na pele do próprio personagem, o qual era homem no passado e mulher no presente, fazendo-o pensar e sentir sobre como é estar de um lado e depois do outro:

Lembrava-se de como, quando era jovem homem, tinha insistido que as mulheres deviam ser obedientes, castas, perfumadas e lindamente apresentáveis. ‘Agora, sinto na própria pele o quanto custam esses desejos’, refletiu; ‘pois as mulheres não são (a julgar por minha própria e breve experiência neste sexo) obedientes, castas, perfumadas e lindamente apresentáveis por natureza. Elas só adquirem estas graças, sem as quais não podem gozar de nenhum dos prazeres desta vida, à custa da mais tediosa disciplina’²⁷.

Essa reflexão do personagem Orlando lembra claramente a afirmação de Simone de Beauvoir, no século XX, quando constatou que: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher [...] é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino”²⁸. Beauvoir

²⁴ *Ibidem*, p. 103.

²⁵ *Ibidem*, p. 125.

²⁶ *Ibidem*, p. 113.

²⁷ *Ibidem*, p. 105

²⁸ Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, 2009, p. 361.

com sua obra magistral intitulada *O Segundo Sexo* desbancou crenças e tabus criados pelas instituições, tanto científicas (biológicas e psicanalíticas, cujos principais representantes são cientistas homens héteros), quanto religiosas de origem judaico-cristã e muçulmana (cujo Deus único e verdadeiro dessas religiões monoteístas é o pai criador que coloca o homem como o centro da sua criação). Essas construções sociais ainda influenciam diretamente na política e atuam fortemente para manter a opressão da mulher pelo homem.

Complementando o termo “construção social”, pode-se pensar também com o sociólogo Pierre Bourdieu que diz em sua obra *A Dominação Masculina*: “Aquilo que na história, aparece como eterno não é mais do que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a Família, a Igreja, a Escola”²⁹. Percebe-se então como essas instituições estiveram e ainda estão presentes e bem estruturadas na sociedade, ordenando a vida como um todo sob o patriarcado que Woolf denunciou. Isso torna-se ainda mais forte em tempos de fascismo, em que as pessoas no seu frágil e/ou até ressentido raciocínio, têm medo do diferente e preferem depositar sua confiança em homens autoritários, representantes do grande pai, imaginando que assim estarão mais protegidas. É realmente um trabalho cujo objetivo é eternizar uma única forma de pensar e agir, mas que pode ser desestabilizado e desconstruído por quem está do lado de fora, as *outsiders*, mulheres como Woolf, Beauvoir e tantas outras que, na pluralidade das pautas feministas, de forma especial as mulheres indígenas e negras, têm lutado para construir mundos novos com mais participação feminina.

Buscando não só complementar, mas aprofundar esse pensamento sobre construção social e gênero, Judith Butler em sua obra *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* dá nova luz sobre o *devir* humano. De acordo com Judith Butler (2021), as pessoas ao nascerem são orientadas de acordo com a cultura a assumir certos papéis dentro do gênero ao qual seu sexo biológico está inserido.³⁰ O problema é que há uma parcela de seres humanos que não se encaixa nesses papéis e subvertem a ordem e fazem performances, vestem máscaras para sobreviver. Segundo Butler:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas

²⁹ Pierre Bourdieu, *A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica*, 2014, p. 8.

³⁰ Judith Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2021.

somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável³¹.

De acordo com Judith Butler, essa identidade primária e estável é criada para a manutenção da heteronormatividade que aprisiona e condiciona os corpos dos seres humanos dentro da categoria hétero. Mas é possível perguntar: todas as pessoas se realizam e desenvolvem suas capacidades dentro desses moldes? A experiência humana diz que não. Essa experiência diz que muitos seres humanos se sentem *outsiders*, estranhos em uma sociedade que impõe padrões de gênero. Então, por que não se abrir ao processo de *devenir*, ao estado no qual o ser humano nunca está pronto, mas de acordo com suas possibilidades pode ser capaz de realizar-se? Por que não é permitido a todas as pessoas a igualdade de direitos de desenvolver suas potencialidades humanas mais profundas? A quem favorece a não liberdade plena e o controle dos corpos?

Quando Orlando era homem podia aventurar-se em tudo o que lhe aprouvesse. Quando Orlando é mulher precisa resguardar sua castidade, ficando presa em casa sob constante vigilância. Orlando já não é mais um homem livre, ela é agora uma mulher *outsider* sem nenhum direito. Sobre essas normas estabelecidas na sociedade burguesa europeia, Silvia Federici em sua obra *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* reflete sobre a passagem do sistema feudal para o sistema capitalista, mudança na qual a mulher sofreu grande desvantagem em relação ao homem. De acordo com Silvia Federici:

As mulheres também se viram prejudicadas pelos cercamentos, porque assim que a terra foi privatizada e as relações monetárias começaram a dominar a vida econômica, elas passaram a encontrar dificuldades maiores do que as dos homens para se sustentar, tendo sido confinadas ao trabalho reprodutivo no exato momento em que este trabalho estava sendo absolutamente desvalorizado³².

De acordo com Federici antes e durante a Idade Média, o trabalho no campo permitia às mulheres e aos homens uma certa igualdade no plantio e na colheita dos alimentos, pois ambos eram, até certo ponto, livres e iguais, e a mulher não era ainda vista como *outsider*, não era uma estranha ao homem. Eles eram iguais e trabalhavam para o senhor da terra como arrendatários. No capitalismo a mulher burguesa será trancada em casa e seu corpo será controlado, pois sua função será dar herdeiros ao marido, soldados ao Estado e mão-de-obra barata para a indústria que está se consolidando, então, ela não terá liberdade

³¹ *Ibidem*, p. 236.

³² Silvia Federici, *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, 2017, p. 145.

para trabalhar fora e nem ganhar seu sustento, passando assim a depender de seu pai e, depois do casamento, de seu esposo.

Em seu complexo ensaio político chamado *Três Guinéus* (1938), Virginia Woolf aprofunda a denúncia que fez ao patriarcado em *Um quarto só seu*, uma década antes, questionando o monopólio do poder na sociedade patriarcal inglesa concentrado no homem. É o homem que está nas grandes instituições de poder como juiz e político (lei), como professor universitário (conhecimento) e como sacerdote (religião). E a mulher, encerrada dentro de casa, é a *outsider*, a diferente, a que não tem direito de realizar-se plenamente como ser humano, a eterna e submissa representação do “Anjo do Lar”. Para Woolf é: “o casamento, a única profissão importante acessível à nossa classe desde o começo dos tempos até o ano 1919”³³. O casamento é tido como um contrato entre um homem que possui bens e uma mulher que possui beleza, dentre outros atributos ditos femininos. O contrato deverá garantir herdeiros, de preferência do sexo masculino, que garantam a linhagem paterna e a posse da terra.

Nesse contexto, Virginia Woolf sentindo-se até certo ponto também uma *outsider* – alguém que é filha e amiga de intelectuais, mas que não teve a chance de frequentar uma universidade da mesma forma que eles pela única razão de ser mulher – escreve e denuncia com seu visceral feminismo, pontuado em *Um quarto só seu* e em *Orlando: uma biografia*, as mazelas do patriarcado e as performances de sobrevivência de suas personagens também *outsiders*.

Considerações finais

Tanto em *Um quarto só seu*, como em *Orlando: uma biografia*, é possível enxergar as diferenças entre homens e mulheres na Inglaterra patriarcal, desde que se tem notícias de sua história até o início do século XX. Virginia Woolf brinda seus leitores com uma perspectiva que parte de um lugar de fala de uma legítima intelectual, mas que também é mulher e, por isso, *outsider*. Dessa forma, ela reflete essa realidade que é a mesma das mulheres de sua classe. É possível então imaginar o quão difícil foi, e ainda é, a vida para as mulheres de classes inferiores onde o desrespeito pela dignidade da mulher é bem maior.

³³ Virginia Woolf, *Três guinéus*, 2019, p. 12.

Ao refletir sobre o casamento como a única forma da mulher se salvar economicamente, Woolf exalta suas conterrâneas Jane Austen, as Irmãs Brontë e George Eliot que romperam barreiras e escreveram, antes de tudo porque a tinta e o papel eram itens baratos, porém, mesmo estando na posição de *outsiders* – por não terem os mesmos direitos de seus pais/irmãos/maridos e dependendo deles financeiramente – elas se instruíam em suas bibliotecas: “Pois as obras-primas não nascem únicas e solitárias; elas são resultado de muitos anos de um pensamento comum, do pensamento das pessoas em geral, de modo que a experiência da massa está por trás da voz do indivíduo”³⁴. E de seu lugar de *outsiders* brotou a força motriz que deu vida a “Judith Shakespeare”.

Essas romancistas do final do século XVIII e meados do século XIX foram gigantes, pois em meio às imensas dificuldades que encontraram, souberam posicionar-se e escrever a respeito daquilo que elas vivenciavam, ato de grande relevância pois, para Virginia Woolf, ser *outsider* é estar atenta e escrever sempre, não importa o lugar, pois se uma suposta Judith, irmã de Shakespeare, não teve voz em sua época, hoje ela vive graças à coragem de muitas mulheres que a sucederam, ela está em cada uma e em todas que buscam novos caminhos e não se contentam com migalhas patriarcais.

Tanto a personagem narradora de *Um quarto só seu*, quanto a personagem Orlando, são *outsiders*, são estranhas, não se sentem pertença, não se adequam ao mundo que lhes é apresentado, não se acostumam com a sociedade patriarcal e por isso, mesmo sofrendo, lutam, questionam e denunciam a sociedade plena de privilégios para os homens e privações para as mulheres. Essa luta chega vigorosa no século XXI e as obras de Virginia Woolf com seu feminismo sem concessão, convocam todas as mulheres a não se calarem e a escreverem, tendo ou não um teto só seu e 500 libras anuais. Que escrevam a fim de que, se houver de nascer uma Judith Shakespeare entre nós, isso será possível: “[...] se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que quisermos [...] ela viria se nós trabalhássemos por ela e, por isso, trabalhar, mesmo na pobreza e na obscuridade, vale a pena”³⁵. Vale a pena, pois muitas mulheres têm surgido nas trilhas feministas e sempre haverá vozes *outsiders* que não se conformam com a opressão patriarcal e sonham e lutam em prol de uma nova e justa sociedade.

³⁴ Virginia Woolf, *Um quarto só seu*, 2020, p. 107.

³⁵ *Ibidem*, p. 175-176.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica*. Tradução de Maria Helena Kühner. 1ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Revisão técnica de Joel Birman. 21ª edição. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2021.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LIMA, Luís Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Editora Guanabara, 1986.

OVÍDIO NASO, Publius. *Metamorfoses*. Edição bilingue. Tradução e notas de Domingos Lucas Dias; 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Entre a flexibilidade e o rigor. In: WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017. p. 265-284.

WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu; Posfácio de Silviano Santiago. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WOOLF, Virginia. *Três guinéus*. Organização, tradução e notas de Tomaz Tadeu; 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu*. Tradução de Júlia Romeo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Referência para citação deste artigo

GALENO, Maria do Carmo Balbino. A outsider woolfiana e performance de gênero em *Um quarto só seu* e *Orlando: uma biografia*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 1, p. 216 – 231, setembro de 2022.